

# AMORA

AGAZINE



## TESTEMUNHOS de ABRIL

Abril '24

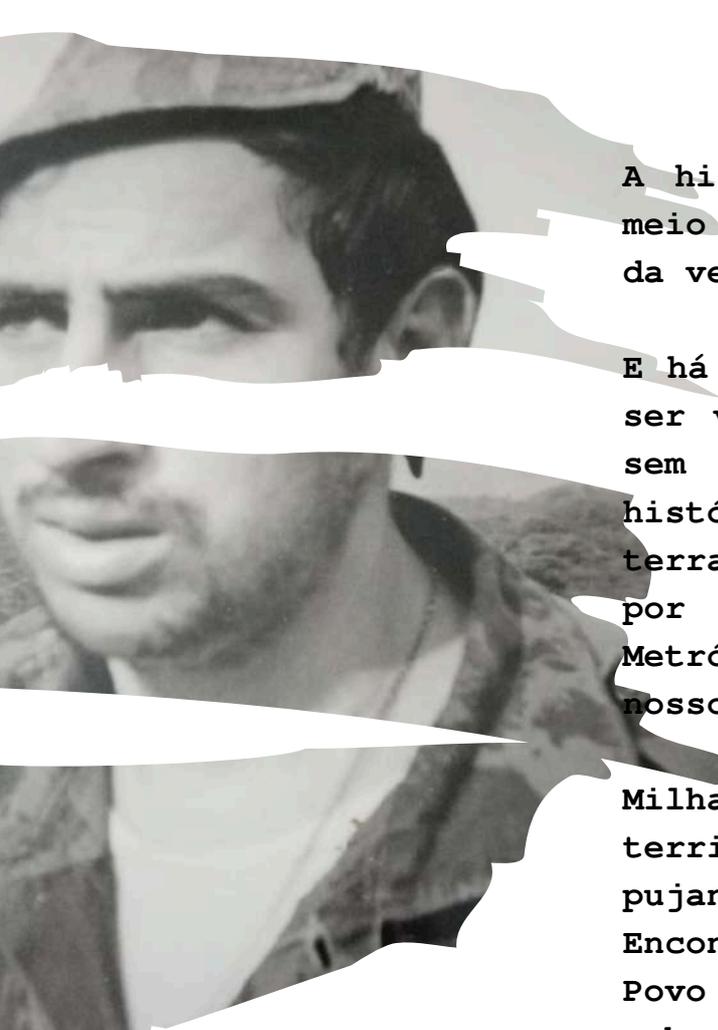




Às portas do meio século do 25 de Abril, a Liga dos Combatentes (Núcleo do Concelho do Seixal) deu-nos a conhecer três dos seus ex-combatentes que colocaram sobre a mesa o seu álbum de recordações, que desfolharam ao sabor das palavras de uma memória sofrida. Ainda assim que não se cala. Porque esquecer nunca!

A Amora Magazine falou com João Chora, Amílcar Marques e Fernando Pólvora sobre o antes e o depois do 25 de Abril visto por quem esteve no continente africano e experienciou a revolução num ponto de vista militar e civil.



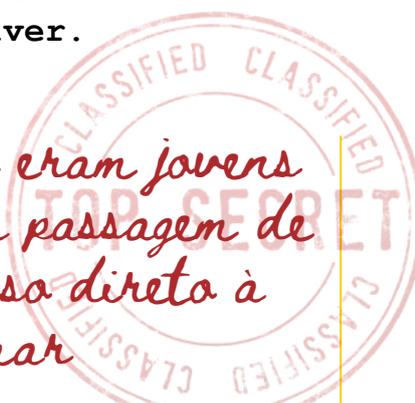


A história tem sempre dois lados. No meio encontra-se, geralmente, espectros da verdade.

E há um lado menos positivo que tem de ser visto sem julgamento, sem pudor e sem preconceito. Esse lado conta a história de jovens arrastados para terras além fronteiras para lutarem por aquilo que os "Senhores na Metrópole" consideravam ser seu / nosso.

Milhares de jovens foram para território africano, no auge da sua pujança juvenil, repletos de sonhos... Encontraram pesadelos. Miséria. E um Povo que como eles só queria sobreviver.

*Antes do 25 de Abril, eles eram jovens com destino marcado numa passagem de passaporte que dava acesso direto à guerra no Ultramar*



Com a partida deles, ficaram elas e as famílias (pais e mães de filhos que criavam para serem carne para canhão. Imperava o silêncio. Sim, os tempos eram outros, as gentes diferentes, as opiniões eram caladas e as liberdades pouco consentidas.

Eram os tempos do Fascismo, de Salazar, depois Marcelo. Mas nunca do Povo e da sua vontade.

## ↑ De que Portugal falamos antes do 25 de Abril de 1974?

“Éramos pobres! Os jovens de hoje têm outras preocupações. No entanto, não lhes fazia mal algum saberem como viviam os seus avós ou pais. A tendência dos jovens na época era “fugirem” para Lisboa à procura de uma vida melhor. Era pura ilusão. Faltavam empregos e os que haviam eram mal pagos. Não havia dinheiro. Fala-se muito no exemplo de uma “sardinha para três”. Lembro-me que uma posta de bacalhau demolido custava 15 tostões e era uma festa quando a conseguíamos comer. Ou que, por exemplo, a vendedeira no mercado, deitava de propósito para o chão, alguma folha de couve ou uma cenoura partida, para os miúdos apanharem. O bilhete de autocarro custava “apenas” 1 escudo para ir de Alvalade para o Saldanha, mas era o suficiente para “obrigar” a ir a pé e a vir à noite pelo mesmo caminho. O regime defendia uma economia fechada. O investimento estrangeiro era dificultado. Era o “orgulhosamente sós”.

## Deu-se o 25 de Abril e onde estavam nessa altura?

FR “Nessa data já estava cá. Tinha vindo de Angola a 20 de Janeiro de 1974, tinha 20 anos. Quando vim de Angola já se ouvia um burburinho que algo ia acontecer: o que era e quando seria é que não se sabia. Lembro-me que, em Novembro de 73, um Comandante que tínhamos, na parada disse-nos: “você estão aqui a fazer esta guerra, mas na Metrópole prepara-se outra”.

“Lembro-me que antes do 25 de Abril, um homem que fumasse e tivesse um isqueiro a petróleo, tinha de pagar uma licença para o ter. Coisas agora simples, eram na altura muito difíceis”.

“Naquele tempo não se podiam reunir mais de três pessoas a uma esquina. Se isso acontecesse, a seguir tínhamos a PIDE em cima.”



“Eu estava em Moçambique. O nosso melhor amigo para as notícias era mesmo o radiozinho a pilhas, e não em todas as estações porque algumas davam notícias falsas. Pouco se dizia do que se passava lá, mas muito se ouvia do que se preparava em Lisboa. A princípio eram só rumores. Mas dava para sentir que estava em marcha uma mudança radical da política ultramarina. Aliás, tudo o que se passava na Metrópole havia logo alterações em Moçambique. Claramente o 25 de Abril suscitou grande interesse na sociedade moçambicana, em especial entre a população branca, que acompanhou o desenrolar do processo com curiosidade e satisfação, mas também com receio pelo seu futuro no território”.

AM

“Tinha 21 anos quando fui mobilizado para a Guiné, para o Hospital Militar de Bissau e sempre estive lá. Recordo-me que em Março de 1974 foi a pior época que tive no serviço. Aumentaram os bombardeamentos, cada vez mais feridos a chegar. Coincidiu com a altura que se começou a ouvir que algo ia acontecer, não se sabia o quê, mas que tínhamos de estar preparados.

Mas o 25 de Abril propriamente dito, não o vivi como os que viviam em Portugal. Enquanto aqui se instalou a paz, lá ainda estávamos em guerra e ainda durou mais uns cinco meses. Só senti o 25 de Abril quando cheguei a Portugal”.

JC

*Do tempo de guerra não guardam saudade. Só traumas, pesadelos e muitas questões que hoje se conseguem verbalizar. “Na altura pensávamos o que estávamos ali a fazer, aquilo não era nosso!”. Mas não passava disso mesmo, de pensamento que se abafava rapidamente e se esquecia quando a lei da sobrevivência falava mais alto. Sobretudo em tempo de guerra feita no mato. Ai, o instinto animal sobrepunha-se a tudo. Ai, viveram-se grandes horrores.*

“Não se falava de nada do que se passava no Ultramar. Quem chegava, esquecia o sofrimento. Havia muito essa ideia de passou é passado e o sofrimento que se passou ficava calado. Era como se trabalhássemos numa fábrica repleta de homens insatisfeitos, mas onde não se podia dizer nada. A guerra era isso. E, francamente, nós nem sabíamos o que perguntar”.

AM

K

“A minha vivência foi diferente, mas também muito dura. No Hospital era tratar dos que vinham do mato onde havia os bombardeamentos e os que vinham com doenças infecto contagiosas. A enfermaria tinha sempre mais de uma centena de doentes e estavam sempre a chegar. Ainda hoje consigo ouvir os gritos dos meus camaradas doentes e mutilados. Nunca esqueci”...

## Ainda sobre o tempo antes da Revolução: o que encontraram quando saíram de Portugal?

“Quando chegávamos lá, não sabíamos nada do que se lá passava. Éramos uns miúdos e nada nos preparava para aquilo. Porque quando algum soldado regressava da guerra, não se falava do que se passava no Ultramar. Mesmo entre família. E nos aerogramas sabíamos que eram lidos e tínhamos diretrizes para dizer que ali era tudo bem, que não havia fome. Mentira! Quando íamos para o mato em combate, isolados, tínhamos a caixa do tamanho da dos sapatos com a ração de combate, com latas de conserva, bolachas água e sal e marmelada. Passava-se muita fome. Quando fui convocado não fazia ideia do que ia ver. As nossas tropas sofreram muito! Tive um camarada que chegou a beber a própria urina porque tinha ficado sem água no cantil. Vi muitos mortos, feridos, mutilados, camaradas desfeitos pelas granadas”...

FR



“A minha madrinha de guerra acabou por ser a minha esposa já o é há 50 anos. **As mulheres dos combatentes têm um papel muito importante na vida do combatente porque elas são combatentes também.** Elas aturaram as doenças e os traumas que trouxemos de África por causa da guerra. Eu não conhecia a minha mulher. Enviei um aerograma e tinha no remetente “Senhor Carteiro, favor entregar à primeira jovem que encontrar”.

E a minha mulher trabalhava num aviário e o carteiro perguntou-lhe se queria aquela carta e ela aceitou. Falamos assim entre 72 e 74. Depois regresssei e ela estava lá no aeroporto à minha espera. E gostámos ambos do que vimos até hoje! Aturou-me muito! Eu vim da guerra, para a qual fui **por causa de Salazar**, doente. E sofri muitos anos”.

FP

DURANTE ANOS DORMIA COM UMA FACA DEBAIXO DO TRAVESSEIRO, NÃO CONSEGUIA ENTRAR NUM CAFÉ... E ISTO ERA TERRÍVEL.



JC

“Também tive madrinha de guerra e também casei com ela. E **é a minha senhora há 52 anos.** Estava na Guiné há um ano e meio quando a minha irmã conheceu uma rapariga e convidou-a para ser minha madrinha de guerra. Ela aceitou e começámos a **trocar aerogramas** e mantivemo-nos assim até eu regressar da guerra. Quando vim, não a conheci logo. Foi só passado três dias e foi até hoje. A madrinha de guerra levantava a moral aos soldados, sobretudo aos que estavam nos hospitais e mais afastados dos combates, porque se sentiam mais sós. **A minha senhora sabe o que eu sofri e eu sei o que ela sofreu.** Tenho dias muito complicados de andar por aí a visualizar tudo o que vivi por lá e ela nessas épocas sabe acarinharme”.



## O que mudou com o 25 de Abril?



“Era uma vida que acabava e outra que começava para cerca 150 mil repatriados que partiram de avião no antigo aeroporto de Lourenço Marques. A população não tinha qualquer ajuda porque nada funcionava. O ambiente era de greves, atentados bombistas e insegurança. Uma vaga de criminalidade sem precedentes. Era fugir para “salvar a pele”. Os Portugueses que ajudaram a construir o país eram agora expulsos. Aos olhos de um combatente, que saiu com um regime e encontra outro, foi um misto de surpresa e precaução. O Estado Novo tinha caído e com ele um período negro da nossa história. Era uma revolução. Era tudo “novo”, tudo diferente. Ouvir as pessoas. Perceber o que elas sentiam. Principalmente ~~as~~ que já conhecia. As feições do rosto alteradas. As conversas revelando mais à vontade. Aos poucos fui-me apercebendo de que era verdade. Alguma coisa de bom tinha acontecido. Em cada esquina uma “novidade”. Cantarolávamos na rua as músicas sobre a

**LIBERDADE**

que eram lançadas como que em catadupa. Falava-se em Democracia. Líamos jornais, ouvíamos notícias. Reuníamos-nos e discutíamos tudo o que não se podia fazer anteriormente”.

**AM**

